

A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS: UMA PRÁTICA DIÁRIA OU UM DESAFIO A SER VENCIDO EM TRÊS ESCOLAS DE GURUPÁ-PA?

Joaci Aragão da SILVA (G-UFPA/PARFOR)

Sandra Maria JOB (UFPA)

RESUMO

A leitura nas escolas, em especial aqui a de textos literários, tem sido alvo de várias discussões teóricas (LAJOLO, 2002). Contudo, na prática, o que ainda se percebe é uma grande lacuna nesse sentido, principalmente no que se refere a ações voltadas para incentivar a formação de leitor, em particular leitores de textos literários. Para Oliveira (2005), para entender a falta de interesse das crianças pela leitura é necessário entender que relação ou contato as crianças estão tendo com os livros como, por exemplo, saber se os livros ficam ao alcance das crianças, se professor incentiva a pesquisa ou mesmo se professor faz indicação de livros. Neste contexto, o objetivo desse trabalho é fazer um levantamento em três escolas do ensino fundamental Escola Mariocay, Escola Raimundo Ribeiro Dias e Escola Padre Giulio Luppi, buscando averiguar a partir das ações dos professores/as em sala de aula e funcionários qual a possível relação dos alunos com o livro. Para tanto, partimos de uma pesquisa de campo desenvolvida com professores e funcionários das instituições selecionadas. Para atingir esta proposta, além de pesquisa de campo, buscamos respaldo teórico em Aracy (2001); Lajolo (2002); Sousa (2002); Oliveira (2005), e outros autores que discutem a respeito da leitura de textos literários. As análises revelaram, entre outras coisas, que um dos motivos que culminam na grande deficiência de um trabalho com a leitura, em particular os de textos literários, advém da própria falta de hábito dos professores.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Texto literário. Formação de leitor.

INTRODUÇÃO

A leitura nas escolas, em especial aqui a de textos literários, tem sido alvo de várias discussões teóricas (LAJOLO, 2002). Contudo, na prática, o que ainda se percebe é uma grande lacuna nesse sentido, principalmente no que se refere a ações voltadas para incentivar a formação de leitor, em particular leitores de textos literários. Para Oliveira (2005), para entender a falta de interesse das crianças pela leitura é necessário entender que relação ou contato as crianças estão tendo com os livros como, por exemplo, saber se os livros ficam ao alcance das crianças, se professor incentiva a pesquisa ou mesmo se professor faz indicação de livros.

Neste contexto, o objetivo desse trabalho é fazer um levantamento em três escolas do ensino fundamental Mariocay, Raimundo Ribeiro Dias e Padre Giulio Luppi, buscando entender a relação dos alunos com o livro, a partir de uma pesquisa de campo desenvolvida com professores e funcionários das instituições selecionadas. O intuito é verificar se em Gurupá, no tocante a estas três instituições, a leitura tem sido pauta de discussão e preocupação por parte dos docentes e, ao mesmo tempo, trazer os resultados à tona, pois só assim mudanças, caso sejam necessárias, poderão ocorrer.



Para atingir esta proposta, além de pesquisa de campo, buscamos respaldo teórico em Aracy (2001); Lajolo (2002); Sousa (2002); Oliveira (2005) e outros autores que discutem a respeito da leitura de textos literários.

Quanto à estrutura do trabalho, em um primeiro momento, discorreremos sobre algumas concepções teóricas sobre o trabalho em sala de aula com o texto literário, em seguida contextualizaremos o universo educacional das escolas selecionadas para, posteriormente, analisarmos as respostas obtidas com a pesquisa de campo. E, por último, traremos as considerações finais.


1 O TEXTO LITERÁRIO E O TRABALHO EM SALA DE AULA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Pesquisas têm revelado que o brasileiro lê muito pouco. E uma das causas disso é a ausência de incentivo por parte da família e da escola. No que se refere à escola, em particular, muitas são as possíveis causas para a ocorrência dessa falta de incentivo que passam pelo fato de o próprio professor não ter o hábito da leitura à dificuldade que o professor diz encontrar para fazer o aluno deixar de assistir a filmes na TV e ler um livro. Aracy Alves Martins Evangelista, por exemplo, em *A Escolarização da leitura literária* (2001), analisa o processo de escolarização da leitura literária na escola e discute o material oferecido pelos livros e manuais didáticos para concluir que, da forma como estão estruturados atualmente, os manuais em nada contribuem para o ensino de língua ou de literatura, uma vez que apresentam textos fragmentados e exercícios que utilizam o texto literário para o ensino de gramática e não incentivam a leitura do texto literário em si.

De acordo com Aracy (2001), os textos e questionários dos manuais quando são utilizados pelos professores com a finalidade de que a turma chegue alcançar o mesmo resultado já esperado pelo professor não favorecem o processo de leitura e as várias interpretações de sentidos que ganha significados na interiorização do leitor, na interpretação individual e na relação, segundo cada experiência vivenciada internamente. Neste sentido, o foco não está voltado para a formação do leitor, mas para encontrar as respostas que estão ao final do texto. Feito isso, o trabalho com o texto literário já atingiu seu objetivo superficialmente sem despertar no aluno a curiosidade, o prazer de ler e nem tornando o texto interessante ou mesmo atrativa para o aluno.

Para Sousa (2002), a leitura (pré)vista em que o professor direciona os alunos a chegarem a um único resultado pode fazer com que os alunos entendam que só há uma forma de leitura:

No fundo, esse discurso sobre a leitura, a leitura (pré)vista, responde a uma estratégia da instituição escolar que também se sustenta numa concepção de



linguagem, como código e como mero instrumento de comunicação. Visando tomar o discurso de sala de aula homogêneo, os conteúdos de ensino também devem ser submetidos ao princípio da unidade e da homogeneidade, pretendido por esse espaço. Ou seja, esse modelo de leitura obedece/serve a um mesmo propósito: o de conter os sujeitos e os sentidos. (SOUSA, 2002, p.140-141)

Lajolo (2008) afirma que a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. Ainda de acordo com ela, a escola é o espaço propício para aproximação e o envolvimento do aluno com o texto literário. Porém, nem sempre, na verdade, raras são as escolas nas quais as bibliotecas das escolares são bastante procuradas por professores e menos ainda por alunos.

No que tange ao desinteresse dos alunos, para Oliveira (2005), para entender melhor essa dificuldade de falta de interesse pela leitura, é necessário entender que relação ou contato as crianças estão tendo com os livros como, por exemplo, saber se os livros ficam ao alcance das crianças, se o/a professor/a incentiva a pesquisa ou mesmo se faz indicação de livros – aspectos que serão retomados para serem analisados mais abaixo a partir das respostas de funcionários e professores das escolas Mariocay, Raimundo Ribeiro Dias e Padre Giulio Luppi.

2 MARIOCAY, RAIMUNDO RIBEIRO DIAS E PADRE GIULIO LUPPI : DAS ESCOLAS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Mariocay está situada na Avenida São Benedito Nº 210, centro, perímetro compreendido entre a Alameda José Machado e a Travessa Washington Luiz, setor São Francisco de Assis, onde se localizam alguns estabelecimentos públicos, comerciais e residenciais. Inicialmente, em 1968, foi denominada pré-escola Pinguinho de Gente. Em 1993 a escola passou a atender outra modalidade de ensino, ensino fundamental básico, antiga 1ª a 4ª série, passando então a chamar-se Instituto Educacional Mariocay em homenagem aos índios Mariocay que foram os primeiros habitantes da cidade de Gurupá. No ano de 2004, a escola desvinculou-se do Estado, passando a atuar somente no regime municipal, com o ensino fundamental de 1ª a 8ª série, sendo chamada de Escola Municipal de Ensino Fundamental Mariocay.

Esta escola tem nove salas de aula, todas climatizadas, uma sala destinada à direção, uma secretaria, uma sala de informática, sala dos professores com um espaço pedagógico, um refeitório, uma lanchonete, uma biblioteca **improvisada** em uma sala que mede quatro metros de frente por

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

quatro metros de fundos, uma cozinha, um depósito de merenda, um sistema de abastecimento de água, quatro banheiros organizados da seguinte maneira: dois banheiros masculinos e dois banheiros femininos, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola.

A biblioteca possui um acervo de 320 livros literários, distribuídos entre livros de contos, fábulas, romances, poesia, além de muitos livros didáticos, conforme pudemos constatar em uma visita *in lócus*.

Atualmente a escola Mariocay tem 919 alunos com faixa etária variadas partir de 06 anos até os 49 anos, incluindo a modalidade de Educação de Jovens e adultos –EJA. A escola recebe um público de poder aquisitivo variado: filhos de comerciantes, de funcionários públicos, trabalhadores rurais e, na maioria, filhos de desempregados que sobrevivem do programa Bolsa Família do governo federal. De acordo com o levantamento realizado pela escola, a maioria dos alunos é de família carente.



Foto 01: EMEF. Mariocay
Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Já a Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ribeiro Dias, está localizada na Travessa Dulcicléia Torres, nº. 756. Ela recebeu essa denominação em homenagem ao Enfermeiro e Homem Público que, de acordo com a população, muito contribuiu com a educação e a saúde do município. Ela é construída em alvenaria e possui dois pavilhões, distribuídos em seis salas de aula, diretoria com banheiro, sala dos professores com banheiro, copa-cozinha, depósito de merenda e materiais diversos, banheiro dos alunos e pátio coberto. Na área externa existe um campinho onde são praticadas as atividades de educação física e esportivas da escola. Atualmente o prédio foi ampliado para três pavilhões com mais quatro salas de aula todas climatizadas, um laboratório de informática, uma sala de vídeo e uma biblioteca, de acordo como PPP ano 2014.



A escola tem uma biblioteca que mede quatro metros de frente por seis metros de fundo. Possui um pequeno acervo de 280 livros literários entre contos, fábulas, romances, poesias, poemas e muitos livros didáticos, conforme foi possível verificar *in lócus*.

A escola atende 940 alunos com faixa etária diversificada, que varia dos 6 aos 60 anos de idade, em sua maioria são pré-adolescentes e os com idade superior aos 15 anos fazem parte da EJA (Educação de Jovens e Adultos), de acordo com as informações obtidas na secretaria da escola.



Foto 02: EMEF. Raimundo Ribeiro Dias

Fonte: arquivo pessoal dos autores

Quanto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Giulio Luppi, ela está localizada na Rodovia dos Trabalhadores, Km1. A escola passou a ser denominada Padre Giulio Luppi em 27 de dezembro de 2013. O nome da escola é uma homenagem ao padre italiano Giulio Luppi que desenvolveu em Gurupá, durante trinta e cinco anos, um trabalho de organização das comunidades eclesiais de base que mudou a trajetória econômica e política do município, essas informações foram adquiridas em entrevista com o diretor.

Escola Padre Giulio Luppi tem sete salas de aula, um auditório, uma diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de informática, uma cozinha e uma lanchonete. Há um acervo de livros literários de 277 livros entre contos, fábulas, romances, crônicas e bastantes livros didáticos dentro da sala dos professores, pois a escola não possui uma biblioteca e muito menos bibliotecário/a.

A escola atende 400 alunos com faixa etária a partir dos 13 anos de idade até os 29 anos, pois funciona apenas o fundamental maior - do 6º ao 9º ano. Ela recebe alunos que são, na sua maioria, filhos de pessoas com ensino fundamental incompleto e/ou pessoas que trabalham no mercado informal como, por exemplo, roceiros, carreteiros, comerciantes, vendedores ambulantes, pedreiros, carpinteiros, etc.

Essas informações foram adquiridas em entrevista com o diretor da escola Padre Giulio Luppi, pois a mesma ainda não possui projeto político pedagógico.



Foto 3: EMEF Padre Giulio Luppi
Fonte: arquivo pessoal dos autores.

2.1 A leitura de textos literários: uma prática diária ou um desafio a ser vencido em três escolas de Gurupá?

Para verificar se a leitura de textos literários nas três escolas descritas acima é uma prática foram entregues questionários com sete perguntas objetivas a três professores de cada escola que dividem entre eles toda a carga horária de Língua Portuguesa do ensino fundamental maior. A escolha pelo ensino fundamental maior é por ser nesta modalidade onde há ocorrência de reclamação por parte dos professores de que os alunos não gostam de ler, principalmente textos literários. No total, foram nove (9) professores entrevistados e seis (6) profissionais responsáveis pela biblioteca. Os resultados serão analisados abaixo.

Nas tabelas abaixo seguem as perguntas com as respostas obtidas em cada escola.

Questionário do Professor Escola Mariocay

Pergunta	Professor A ¹	Professor B	Professor C
Qual sua Formação?	Curso Superior incompleto Letras	Curso Superior incompleto Letras	Curso Superior completo Letras
Você tem hábito de ler textos literários?	Não	Sim	Sim
Com que frequência?	Um livro por ano	Um livro por ano	Em torno de cinco livros por ano
Você costuma indicar livros literários para os alunos	Sim	Sim	Sim
Se sim com que frequência?	Às vezes	Sempre	Sempre

¹Para resguardar a identidades dos profissionais pesquisados, os mesmos serão denominados de Professor A, B, C... assim como os bibliotecários.

Na sua opinião, os livros ficam ao alcance das crianças, isto é, é fácil para os mesmos terem acesso a eles?	Às vezes	Sim	Sim
Você incentiva os alunos a pesquisarem em livros?	Às vezes	Sim	Sim

Questionário do professor(a) da Escola Raimundo Ribeiro Dias

Pergunta	Professor D	Professor E	Professor F
Qual sua Formação?	Curso Superior incompleto Leras	Curso Superior completo pedagogia	Curso superior completo Pedagogia
Você tem hábito de ler textos literários?	Sim	Sim	Sim
Com que frequência?	Em torno de cinco livros por ano	Um livro por ano	Um livro por ano
Você costuma indicar livros literários para os alunos	Sim	Sim	Sim
Se sim com que frequência?	Sempre	Às vezes	Sempre
Na sua opinião, os livros ficam ao alcance das crianças, isto é, é fácil para os mesmos terem acesso a eles?	Sim	Sim	Sim
Você incentiva os alunos a pesquisarem em livros?	Sim	Sim	Sim

Questionário do professor(a) Escola Padre Giulio Luppi

Pergunta	Professor G	Professor H	Professor I
Qual sua Formação?	Curso Superior Pedagogia Completo	Curso superior Letras Completo	Curso Superior Pedagogia e Letras completo
Você tem hábito de ler textos literários?	Sim	Sim	Sim
Com que frequência?	Em torno de cinco livros por ano.	Um livro por ano.	Em torno de cinco por ano
Você costuma indicar livros literários para os alunos	Sim	Sim	Sim
Se sim, com que frequência?	Sempre	Sempre	Sempre
Na sua opinião, os livros ficam ao alcance das crianças, isto é, é fácil para os mesmos terem acesso a eles?	Não	Sim	Nem sempre
Você incentiva os alunos a pesquisarem em livros?	Sim	Sim	Sim



Ao refletir sobre as respostas dos professores nas questões relacionadas à formação, observamos que os professores A, B e D têm graduação incompleta em Letras; professores C e H são graduados em Letras; professores E, F e G são graduados em Pedagogia e o professor I é graduado em Letras e Pedagogia. Nota-se que quanto à formação, todos estão cursando ou já concluíram o nível superior. Contudo, a questão sobre a leitura de textos literários em sala de aula é um problema mais complexo que vai além do fato de o profissional ter ou não concluído um curso superior, pois, na verdade, o problema, na maioria dos casos, está relacionado à história e a formação do professor. Segundo Lajolo (2008),

A importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo do professor é parte da questão da formação do professor de língua materna. Pois o problema da literatura infanto-juvenil – se é que é um problema – talvez seja mera representação contemporânea de uma crise muito maior e muito mais antiga: faz tempo que não se sabe ao certo qual é a formação necessária ao professor de língua materna, porque também não se tem claro a função da escola no que se refere à competência linguística que o aluno deve dominar ao abandonar os bancos escolares. (LAJOLO, 2008, p. 18)

Nas respostas obtidas quanto ao hábito de leitura, somente o professor A disse que não tem hábito de ler; os professores B, C, D, E, F, G, H e I disseram que “Sim” têm hábito de leitura. No entanto, quando comparamos com a resposta referente à questão de frequência de leitura, os professores A, B, E, F e H disseram que leem um livro por ano e os professores C, D, G e I disseram que leem cinco livros por ano. Refletindo sobre as respostas das duas questões, consideramos que é muito pouco a leitura de um livro por ano é bom e razoável a leitura de, no mínimo, cinco livros por ano, principalmente para professores de língua portuguesa, pois Lajolo afirma que:

o professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa. Freqüentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera preferência. (LAJOLO, 2008, p. 22)

Nas questões referentes à indicação de livros literários aos alunos, todos os professores disseram que “Sim” e em resposta a com que frequência, todos responderam que “sempre”. No entanto, ao retomarmos as respostas da questão anterior, observamos que há uma baixa frequência de leitura de texto literário por parte de alguns professores. Nesse caso surge uma questão para se refletir: Se o professor lê pouco, como poderá indicar leituras de textos literários? Nesse caso o professor poderá estar recorrendo a propostas de uso de textos literários em classe. Porém, Lajolo alerta que:



Sobre proposta para uso do texto literário em classe podem transformar-se em armadilhas para o professor que, sentindo-se fragilizado, busca respostas imediatas para seus problemas concretos. As propostas transformam-se em armadilhas quando patrocinam discussões das quais se sai com técnicas debaixo dos braços e confiantes na terapêutica. Técnicas milagrosas para o convívio harmonioso com texto não existem, e as que assim proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo inato – quando já instalado – o desencontro entre leitor e texto. (LAJOLO, 2008, p.14)

Nas respostas sobre a questão, se os livros ficam ao alcance das crianças, ou se fica fácil o acesso a eles? O Professor A disse que “Às vezes”; o professor E disse que “Não”; o professor I disse que “Nem Sempre”; os professores B, C, D, F, G e H disseram que “Sim”. Nesse sentido, vale lembrar que Oliveira e Espíndola (2008) ressaltam que o professor precisa estimular as crianças a construir uma relação afetiva com a literatura, aprendendo o valor intelectual que cada obra tem. Para isso, cabe ao professor mediar essa aproximação, pois o aluno ao sair da escola precisa dessa interação com o livro para se tornar leitor competente.

Já no que se refere à pesquisa com os profissionais responsáveis por cuidar da biblioteca, segue, abaixo, as respostas obtidas.

Questionário do(a) bibliotecário(a) da Escola Mariocay

Pergunta	Bibliotecário A	Bibliotecário B	Bibliotecário C
Qual sua Formação?	Superior incompleto – Pedagogia	Magistério	Ensino médio
Qual o horário de funcionamento da biblioteca/	7h às 11h	14h às 18h	Das 18h às 22h
Você tem habito de ler?	Sim	Sim	Sim
Se sim, com que frequência?	Um livro por ano	Um livro por ano	Um livro por ano
Você costuma indicar livros para os alunos?	Sim	Sim	Sim
Os professores de língua portuguesa emprestam livros literários?	Nem todos	Nem todos	Nem todos
Se sim, com que frequência?	Uma vez por mês	Uma vez por mês	Uma vez por semestre



Questionário do bibliotecário(a) da Escola Raimundo Ribeiro Dias

Pergunta	Professor D	Professor E	Professor F
Qual sua Formação?	Curso superior completo Pedagogia	Curso Superior Completo Letras	Curso Superior incompleto Pedagogia
Qual o horário de funcionamento da biblioteca?	7 às 11h	11 às 14h	15h às 18h
Você tem habito de ler?	Sim	Sim	Sim
Se sim, com que frequência?	Um livro por ano	Um livro por ano	Um livro por ano
Você costuma indicar livros para os alunos?	Sim	Sim	Sim
Os professores de língua portuguesa emprestam livros literários?	Todos	Nem todos	Nem todos
Se sim, com que frequência?	Uma vez por mês	Uma vez por mês	Uma vez por mês

Segundo Soares (1999), a apropriação da literatura infantil pela escola acontece em três instâncias: “a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura, em geral determinada e orientada por professores de Português; a leitura e o estudo de textos, em geral componente básico de aulas de Português” (SOARES,1999, p. 24-23)

Para melhor entendermos por que os alunos especificamente do ensino fundamental maior não gostam de ler textos literários, buscamos compreender se as bibliotecas das escolas têm sido preocupação dos gestores escolares para a formação de leitores ou são meramente depósitos de livros, que raramente são lidos por alunos, professores e bibliotecários, se há interação entre a biblioteca e a sala de aula. Dessa forma, entregamos questionários aos funcionários das bibliotecas escolares.

A partir das respostas sobre a formação educacional apenas A e F iniciaram um curso superior, de Pedagogia, B tem Magistério, C tem ensino médio, e D e E são graduados - em Pedagogia e Letras, respectivamente. Para segundo Campello (2001), contudo, o profissional com graduação em biblioteconomia é o profissional em condições de exercer adequadamente as inúmeras funções para uma biblioteca que se quer como espaço de aprendizagem.

Nas questões relacionadas aos horários de funcionamento da biblioteca, observamos que as bibliotecárias A, B e C trabalham na mesma escola, durante o horário de funcionamento da escola funciona o turno do intermediário das 11h às 14:30h, neste turno a biblioteca não tem funcionário. Os bibliotecários D, E e F trabalham na mesma escola, nesta escola funciona à noite a Educação de Jovens e Adultos (EJA), neste turno não tem funcionário. Ao refletir a realidade das bibliotecas escolares nas duas escolas, comungamos com Campello (2000, apud PAIVA, 2010, p. 127) quando diz que:



Muitos professores convivem com uma biblioteca improvisada, com livros por doação, desatualizados, amontoados, sem qualquer organização. São quartos de despejos, onde se armazenam materiais sem serventia e livros didáticos que não foram entregues aos estudantes, em muitas vezes ficam em mãos de professores readaptados deslocados da função de regente de turma por problemas de saúde. E assim, na maior parte do tempo, a biblioteca permanece fechada.

Sobre a questão referente ao hábito de leitura, todas os profissionais entrevistados disseram que “Sim”, porém, quanto à frequência de leitura todas disseram que leem “Um livro por ano” e todas também disseram que “Sim”, eles indicam livros aos alunos. Entretanto, consideramos que ler um livro por ano é muito pouco para um funcionário de biblioteca escolar ler e que, por isso, não se pode considerar que ele tem o hábito de leitura. E para indicar é preciso conhecer/ler e como o bibliotecário pode e deve ser um intermediário na relação entre aluno e os livros, é preciso que este profissional esteja familiarizado com os livros dispostos na biblioteca e, na medida do possível, que tenha lido a maioria deles para poder indicar aos alunos. Para Viera & Fernandes (2000, apud PAIVA, 2010, p. 109), “não é necessário que o bibliotecário conheça todo o acervo muito bem, mas é preciso que conheça muito bem uma boa parte dele, de modo a poder desenvolver atividades de mediação”.

Nas questões sobre se os professores costumam emprestar livros, a bibliotecária D disse que “Todos”, as bibliotecárias A, B, C, E e F disseram que “Nem todos”. Na questão sobre a frequência com que esses professores emprestam livros na biblioteca, todas disseram que os professores emprestam livros “uma vez por mês”. Assim analisamos que leitura de textos literários por professores, bibliotecários e principalmente alunos ainda não tem o propósito voltado para a formação de leitores, falta ainda uma proposta de atividades a ser desenvolvida que integrem o trabalho do professor, a sala de aula e a biblioteca escolar.

Para Albernaz (2009, apud PAIVA, 2010, p. 110), deve-se propor “o desenvolvimento de projetos institucionais que envolvam toda comunidade escolar, a direção, os professores etc”. Dessa forma, o autor alerta para que as visitas à biblioteca ocorram de forma planejada, sistematizada com incentivo à leitura de textos literários não só com objetivo de treinar leitura, mas de descobrir na escrita o conhecimento, a experiência e desenvolver o imaginário dos alunos, voltado para o prazer de ler e ser conhecedor de outras culturas através dos textos.

Portanto, ao refletir sobre o trabalho com a leitura de textos literários nas três escolas do ensino fundamental maior, observamos que esse trabalho ainda é um desafio a ser vencido, pois ainda que os professores leiam, indiquem livros aos alunos, ainda não há o desenvolvimento de trabalhos que envolvam o aluno e o texto literário. As bibliotecas escolares ainda servem somente como depósitos de livros, poeira e matérias didáticos que nunca foram usados, o que torna o ambiente pouco atrativo aos alunos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com textos literários ainda não é prioridade nas aulas de língua portuguesa nas três escolas de Gurupá que foram alvos dessa pesquisa, pois o resultado obtido não é muito otimista em relação à leitura de textos literários. Primeiro por que os nossos professores não têm hábito de leitura literária diária e muito menos os alunos. E, neste contexto, se o professor não lê, como poderá indicar bons livros aos alunos? E, conseqüentemente, como pensar em formação de leitor sem incentivo à leitura? E incentivo, sob forma alguma, foi constatado aqui.

Desta forma, pode-se concluir também que há um grande desafio a ser vencido nessas três escolas, pois a leitura de textos literários ainda não é prioridade nas aulas de língua portuguesa nem no espaço da biblioteca, onde nem os livros ficam à disposição dos alunos.

Por tudo isso, muito ainda deve ser feito para que, de fato, a leitura de textos literários seja foco da escola, dos professores, dos cuidadores das bibliotecas. Uma possibilidade para começar a mudar esse quadro poderia ser através de encontros pedagógicos em que haja desenvolvimento de projetos voltados para a formação de leitores e nos quais toda a comunidade escolar esteja envolvida, promovendo atividades de incentivo à leitura, por exemplo. Seria um início de uma longa jornada para que o aluno se torne leitores competentes nas três escolas de ensino fundamental do Mariocay, Raimundo Ribeiro Dias e Padre Giulio Luppi no município de Gurupá.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, M.B. Sete desafios da biblioteca escolar. In: PAIVA, Aparecida at al (org). **Literatura ensino fundamental: A biblioteca Escolar como espaço de aprendizagem.** Brasília, 2010.

CAMPELLO, Bernadete et AL. Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. In: PAIVA, Aparecida at al (org). **Literatura ensino fundamental: A biblioteca Escolar como espaço de aprendizagem.** Brasília, 2010.

DALVI, Maria Amélia; Rezende, Neide Luiza de; Jover-Faleiro, Rita. **Leitura de literatura na escola.** São Paulo, SP: Parábola, 2013.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et. al. (Orgs). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

LAJOLO, Marisa (2008) . **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** . 6. ed. São Paulo: Editora Ática.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de; SPÍNDOLA, Arilma Maria de A. **Linguagem na educação infantil III – Literatura Infantil.** NEAD. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2008.



SOARES, Magda Becker. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy, et al. (Orgs.). **A Escolarização da Literatura: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. BeloHorizonte: Autêntica, 1999.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. **As Surpresas do previsível no discurso de sala de aula**. João Pessoa: Editora universitária, 2002.

VIEIRA, Adriana Silene; FERNANDES, Célia Regina Delácio. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In: PAIVA, Aparecida at al (org). **Literatura ensino fundamental: A biblioteca Escolar como espaço de aprendizagem**. Brasília, 2010.

ZILBERMAN & LAJOLO. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática 1996.

ZILBERMAN , Regina . **A Leitura e o ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.